

## DIÁSPORAS E CONTRASTES: UMA REFLEXÃO DO VIDEOCLÍPE “UM CORPO NO MUNDO” DE LUEDJI LUNA

Mariana Gomes da Silva Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho é fruto de um processo de aplicação do pensamento filosófico de Charles Sanders Peirce em produtos de comunicação. Também parte do desejo da autora em desbravar sua ancestralidade durante e por meio do ensino superior. O objeto de reflexão escolhido é o videoclipe da música “Um Corpo no Mundo”, da compositora e cantora baiana Luedji Luna. O vídeo retrata contrastes que permeiam a vida de pessoas africanas e suas descendentes em diáspora. Por isso refletir diáspora negra, tendo como partida intelectuais negras e negros de diversos cantos da transmigração. A seguir estão também alguns pressupostos filosóficos da semiótica de Peirce. Em suma, este trabalho busca relacionar matrizes de conhecimento distintas, pois reconhece que está é uma maneira de agir contra o epistemicídio de referências de conhecimento que não ocidentais, masculinas, heterossexistas e brancas.

**Palavras-chave:** semiótica, diáspora negra, audiovisual.

Nascida em Salvador (BA), cidade mais negra fora da África, no bairro do Cabula, periferia da capital soteropolitana que já abrigou um quilombo, Luedji Luna é hoje uma artista brasileira de renome internacional. Compositora e intérprete com influências do Jazz e da Música Popular Brasileira, ela iniciou seus estudos em música na Escola Baiana de Canto Popular. Além disso, Luedji foi vencedora da etapa regional do Festival da Canção Francesa, realização da Aliança Francesa de 2013, e em 2014 participou do Sarau Preto, evento organizado por Mombaça Momba, cantor e compositor carioca, para divulgar a produção musical e literária de pessoas negras.

A canção “Um Corpo no Mundo” dá nome ao primeiro álbum da baiana, lançado no segundo semestre de 2017. A obra pensa a identidade na diáspora negra através do olhar da cantora sobre si mesma, sua história e o contato que teve com imigrantes africanos e seus descendentes em São Paulo. Com produção musical de Sebastian Notini, direção e fotografia de Joyce Prado e montagem de Janaína Nascimento, “Um Corpo no Mundo” se fundamenta na ideia do “não pertencimento, do

---

<sup>1</sup> Jornalista graduada pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora vinculada ao CEPAD/UFBA (Centro de Estudos e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia/UFBA). E-mail: go.soa.mari@gmail.com

corpo que ocupa o espaço, mas não se identifica, e da necessidade de conexão com a ancestralidade”<sup>2</sup>.

## **Diáspora**

Falar sobre o corpo negro no mundo não é falar de dor, somente. É expressar os protagonismos dessa materialidade na trajetória contra o processo de desumanização do racismo. É então resgatar e praticar o amor de forma política, já que a falta dele consta durante muitos dos percursos e migrações.

Segundo o dicionário Ediouro da Língua Portuguesa, diáspora significa a “dispersão dos judeus ao longo dos séculos”. Entretanto, o mesmo termo pode e é utilizado para pensar o espalhamento de pessoas negras, africanas e suas descendentes, nos quatro cantos do planeta. Estudiosos afro-americanos utilizaram-se da experiência judaica como metáfora para construção do que é diáspora negra. O sociólogo e teórico jamaicano Stuart Hall, tido como pioneiro dos Estudos Culturais, se debruça sobre a temática afro-diaspórica, analisando as formações de identidades na pós-modernidade, zelando em seus estudos pela ideia de identidade cultural e pelas transversais de gênero, raça e território e o que produzem. Durante entrevista para Kuan Hsing Chen, pesquisador dos Estudos Culturais sobre a Ásia, em 1996 (HALL, 2009), Hall explica as relações entre diáspora judaica e negra no mundo.

“Há certas relações muito estreitas entre a diáspora negra e a diáspora judaica – por exemplo, a experiência de sofrimento e exílio, e a cultura do livramento e da redenção que resultam daí. [...] Portando, toda a narrativa da colônia, da escravidão e da colonização está reinscrita na narrativa judaica” (HALL, 2009)

A partir da consolidação do termo acerca da dispersão de pessoas negras pelo mundo como área de pesquisa, discussões sobre o tema tomam como ponto de partida as rotas marítimas do tráfico de pessoas no Oceano Atlântico durante o imperialismo europeu no continente africano nos séculos XVI ao XIX, marcados no Brasil de 1530 a 1888. A obra “Atlântico Negro”, do sociólogo Paul Gilroy, de 2001, por exemplo, é uma das principais referências. Entretanto, pensar na diáspora africana não é deter-se

---

<sup>2</sup> 1 Disponível em: [https://cartase.me/umcorponomundo\\_luedjiluna](https://cartase.me/umcorponomundo_luedjiluna)

apenas em narrativas de sofrimento, como já sinalizava a historiadora brasileira Beatriz Nascimento, que antes mesmo de Gilroy, em 1989, já clamava “Eu sou atlântica” (RATTS, 2007).

As mulheres e os homens africanos viveram uma travessia de separação da “terra de origem”, a África. Nas Américas, passaram por outros deslocamentos como a fuga para os quilombos e a migração do campo para a cidade ou para os grandes centros urbanos. Para Beatriz Nascimento, o principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo. Não somente o corpo como aparência – cor da pele, textura do cabelo, feições do rosto – pelas quais negras e negros são identificados e discriminados. (RATTS, 2007)

Luedji Luna, em “Um Corpo no Mundo”, reforça o debate a partir de sua realidade no Brasil. No vídeo de divulgação do projeto, ela explica que a obra vem do anseio de conhecer uma história sobre si, que não começa no Brasil, mas não se sabe ao certo em que berço cultural do outro lado do Atlântico. “Eu digo sempre que nós negros na diáspora sentimos uma saudade ancestral. Eu nasci com essa saudade. Nasci com essa vontade de saber”. A escolha de trabalhar com o clipe “Um Corpo no Mundo” está na inserção deste clipe num movimento de (re)construção de novas narrativas sobre quem são as pessoas negras, protagonizadas por elas mesmas. É a tentativa de Luedji Luna em escrever a história da negritude em solo brasileiro por um olhar de posituação, mas que não ignora o passado violento e escravocrata no território, promovendo assim reflexões e reafirmando humanidade dessas pessoas.

## **PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS PARA A SEMIÓTICA PEIRCIANA**

Charles Sanders Peirce, foi um filósofo e matemático estadunidense. Peirce desenvolve abordagens sobre a construção do conhecimento, criando categorias sobre as relações entre o sujeito e a realidade (fenomênica). De acordo com seu pensamento, o fenômeno é o modo como um sujeito experimenta o mundo e produz conhecimento. Tais categorias são a *primeiridade*, a *secundidade* e a *terceiridade* (PEIRCE, 2005). O que o pensador estadunidense chama de primeiridade é equivalente a experiência em que o sujeito se relaciona com o fenômeno através da tradução das qualidades de

sentimento, isto é, por meio dos órgãos do sentido percebemos as características qualitativas daquilo que se apresenta a nós na realidade. Entretanto, nesse estágio de contato, nossa mente não denomina conscientemente quais são essas sensações, mas apenas contempla o fenômeno.

A partir da secundidade, todavia, o sujeito começa a tomada de consciência sobre aquilo que está em sua frente. A secundidade se manifesta pela relação do indivíduo com o outro, que se coloca diante dele, pela diferenciação pela alteridade. Neste instante, o repertório dele é confrontado com as características percebidas pelos sentidos e através deste conflito o sujeito começa a testar a probabilidade de quais seriam as particularidades do fenômeno.

Já na terceiridade, esse conflito é dirimido, pois de acordo com o pensamento peirciano esta última categoria pressupõe que o sujeito busca dar conta do fenômeno. É o momento em que o indivíduo já domina o fenômeno por meio da representação, ou seja, já consegue afirmar que fenômeno é esse, quais são suas características e como ele se comporta e se mostra.

Além destas relações, cada uma das categorias supracitadas dialoga com os estágios do pensamento humano, estudo que Peirce desenvolve antes de chegar na conclusão das suas tríades principais. Por meio da influência e da contestação de obras de renomados filósofos ocidentais, como Aristóteles, René Descartes, John Locke e Immanuel Kant, Charles Peirce afirma que as formas da ação mental se manifestam pela hipótese, pela indução e pela dedução. Se o estágio da abdução está para as possibilidades, o da dedução está para as necessidades e o da indução para probabilidades.

Tendo isto em vista, as contribuições de Peirce para a semiótica estão na compreensão dos signos como unidade de representação do mundo composta por três partes: *representamen*, que se refere à materialidade do signo, *objeto*, que se refere ao fenômeno, e *interpretante*, que refere-se ao indivíduo (PEIRCE, 2005). Cada parte corresponde às categorias do pensamento supracitadas (*primeiridade*, *secundidade*, *terceiridade*), respectivamente. Neste sentido, para Peirce existem alguns tipos de representação.

Na reflexão a seguir são fundamentais os signos do tipo ícone, índice e símbolo. O primeiro tipo, ícone, parte da possibilidade de representação, ou seja, não representa necessariamente algum fenômeno e por isso não pode ser considerado signo completo. O segundo, índice, diz respeito a rastros com o qual o interpretante (indivíduo) pode inferir algum fenômeno. Já o terceiro, símbolo, está para as relações mais plurais e sociais em torno de um signo, pois é do tipo que reconhece e necessita do consenso em torno de seu sentido. Desta maneira, ao utilizarmos estas palavras e suas derivadas adiante (ícone, índice e símbolo) nos referimos a essas representações debatidas por Charles Peirce.

## **ANÁLISE**

Analisar o clipe de Luedji Luna através da perspectiva semiótica não é apenas um esforço de provar a validade desta área de pesquisa para o estudo sobre produtos comunicacionais e artísticos. Tem como intenção, na verdade, auxiliar na compreensão de elementos não explícitos no primeiro contato com a obra, mas sem deixar de dialogar com outras áreas de conhecimento, já supracitadas.

Ademais, “Um Corpo no Mundo” dialoga bastante com o atual contexto histórico brasileiro, em que movimentos sociais pressionam bastantes discussões étnico-raciais. Mais que isso, este trabalho reconhece que as universidades brasileiras com o desenvolvimento de políticas de afirmação coletiva, há cerca de 17 anos, nos levam a um caminho de democratização do ensino. Por isso o esforço neste artigo de não compactuar com o epistemicídio (CARNEIRO, 2005), sobretudo de referências negras, dialogando não apenas com aqueles que estão dentro da academia, mas também com o pensamento e a intelectualidade que está fora dela.

## **Ambientação**



**Figura 1: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 06 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V G7LC6QzTA>**

Nos primeiros dezessete segundos do clipe “Um Corpo no Mundo”, de Luedji Luna, há uma ambientação espacial e musical para o espectador. Frames diversos enquadram em prédios e outras construções que nos levam a perceber, em nível indicial, que se trata de uma cidade grande. Conforme esses enquadramentos se repetem, é notado que se trata da cidade de São Paulo, a maior metrópole brasileira.

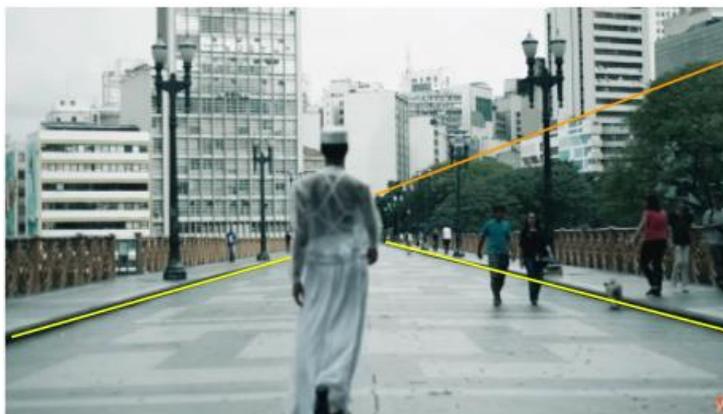
Nas cores dos quadros há o predomínio da escala de cinza, sem o preto e o branco serem demarcados/destacados. As filmagens são externas, mas na construção espacial do cenário o céu é um dos elementos que menos aparecem nos enquadramentos. Pela repetição disto no decorrer da filmagem, é possível dizer que no nível simbólico, a proposta de arte do clipe dialoga com a ideia de “selva de pedra”, tão desenvolvida nas narrativas que focam na dinâmica das cidades metropolitanas, recorrendo a uma indiferença deste espaço urbano para com seus moradores, deles com a cidade e até mesmo entre si.

Já sobre a ambientação musical, nos primeiros segundos do clipe somos apresentados a toques de percussão, provavelmente atabaques, assim como de instrumentos de sopro, de corda (guitarra e baixo), tudo isso a nível icônico apresentado na semiótica de Peirce. Não há voz nenhuma durante esse momento, porém nos é mostrado um padrão sonoro que se repete durante toda a canção. No nível indicial, é perceptível uma adaptação do toque Vassi, toque do candomblé presente nos terreiros da nação Ketu da religião e atrelado à figura de Ogum, orixá guerreiro relacionado às tecnologias e à forja.

A partir disso, é possível dizer que não por acaso esse toque se apresenta na música. O Vassi dialoga bastante com a narrativa de “Um Corpo no Mundo”, visto que se a figura de Ogum se relaciona à forja, também evoca resistência. Além disso, o contraste estabelecido entre a personagem principal e a cidade como um todo, principalmente pela diferença no ritmo dos movimentos de cada um, simboliza uma relação de resistência da personagem para com o ambiente, do corpo preto no mundo, visto que ao mesmo tempo em que a personagem se encontra em São Paulo, ela não compartilha de todo da dinâmica do lugar.

### “Atravessei o mar”

“Atravessei um mar/ um sol da América do Sul me guia” é o primeiro trecho cantado da canção. Aos 24 segundos de vídeo (figura 2) “Atravessei o mar”, uma frase curta, mas que é responsável por apresentar a temática diaspórica a ser desenvolvida na obra.



**Figura 2: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 24 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V G7LC6QzTA>>. Linhas amarelas e laranja adicionadas durante edição deste texto.**

Neste momento, os ícones que permeiam a cena são prédios ao fundo, em tons cinzas, poucas árvores à direita (linha laranja na figura). O quadro apresenta uma perspectiva de profundidade, com o horizonte demarcado pelos prédios e as linhas da passarela (linha amarela na figura) se afunilando rumo ao horizonte. Luna, personagem centralizada no quadro, está com uma roupa toda branca e fluída, diferente daqueles em sua volta, de calça jeans e camisa. Além disso, ela caminha

lentamente na via e com o passar do tempo levanta seu braço direito a sua frente, como se apontasse para o caminho por vir.



**Figura 3: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 26 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V G7LC6QzTA>>.**

Já aos 26 segundos de clipe (figura 3), a frase “um sol da América do Sul me guia” completa o dizer sobre a travessia. A nível icônico se percebe que Luna está no meio de uma rua, onde só se vê prédios ao alto e pessoas à sua volta. Alguns deles observam-na de longe. Outras pessoas passam como se corresse para cumprir afazeres e não deixam de olhar aquele corpo em outro movimento. Luedji, parada no centro do quadro, mexe os ombros em movimentos horizontais de vai e vem, lembrando os movimentos das ondas. Toda a cena indica para o dia a dia atribulado da cidade de São Paulo. Como símbolo é possível inferir que além do mar de água, a que Luna se refere na letra, seu corpo atravessa também um mar de gente, metáfora que acaba por apresentar a questão do pertencimento daquele corpo em cena no mundo.

Nos trechos explicados, se faz presente um dos principais contrastes da obra de Luedji Luna: a do ontem e do hoje. Ao se referir à uma travessia marítima rumo à América do Sul e tendo em vista a proposta da canção, Luna aponta para as migrações de pessoas negras, africanas e suas descendentes, que aconteceram no passado do Brasil, no período escravocrata (1530 – 1888), e as que ainda acontecem, sobretudo em decorrência a crises ambientais, tal qual o terremoto no Haiti (2010), ou territoriais e políticas, como na República Democrática do Congo.

“Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser ‘sagrada’, pois foi ‘violada’ – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas”. (HALL, 2009)

### “Cada rua dessa cidade cinza sou eu”



**Figura 4: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 3 minutos e 35 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Linhas amarelas e laranjas adicionadas durante edição deste texto.**

Aos 3 minutos e 35 segundos do vídeo (figura 4), a velocidade e o formato dos movimentos de Luedji se contrapõem aos da cidade. O corpo dela se movimenta lentamente, os braços fazem movimentos ondulatórios (linha amarela na figura). Tudo isso sempre trazendo a mente o mar. Já a cidade é veloz e seus movimentos lineares (linhas laranjas). Assim como a dança da personagem, a música apresenta padrões que simulam um vai e vem, associando-se a uma ideia de pêndulo e indicando, mais uma vez, o movimento das ondas. Isso é explicado pela proposta da canção, como Luedji comenta no vídeo de divulgação do álbum. “São referências que transitam, onde nada é estanque, absolutamente, nem mesmo o próprio conceito do álbum. O que se pretende, na verdade, é levar uma sensação: o “não-lugar”<sup>3</sup>. Nesse sentido, o vai e vem das ondas representa fluidez e instabilidade ao invés de um estar estanque.

<sup>3</sup> Disponível em [https://www.catarse.me/umcorponomundo\\_luedjiluna](https://www.catarse.me/umcorponomundo_luedjiluna).

Ao entoar, “Cada rua dessa cidade cinza sou eu”, o discurso indireto da canção imprime uma relação dialógica entre o corpo e a cidade/o mundo. Não é o corpo que constitui Todo o espaço exterior, nem apenas a cidade quem contribui na formação do sujeito, entretanto eles estabelecem uma conexão e relação mútua de suas existências. Também é possível inferir que a presença de Luedji não se mostra indiferente ao seu entorno, sendo símbolo de humanização dos espaços por onde circula.

### “Eu sou a minha própria embarcação”



**Figura 5: Print do clipe "Um Corpo do Mundo" aos 2 minutos e 29 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Linhas amarelas adicionadas durante edição deste texto.**

Aos 2 minutos e 49 segundos (figura 5), trecho de Luedji canta “Eu sou a minha própria embarcação”, a cantora também faz movimentos ondulatorios como braço, ícone do balanço do mar. Esse é um dos momentos mais emblemáticos do clipe. Nele o céu aparece mais que em todos os outros da obra na composição da cena, mas ainda assim não é nem metade do quadro. De qualquer forma joga com o contraste entre o urbano e o natural, não tão evidente quando a natureza é representada pela vegetação.

A partir da análise simbólica, essa é uma frase que ainda diz muito sobre estar só, mas não um estar só de pura tristeza, mas sim um de um eu lírico que toma seu destino, não apenas em sua mão, mas em seu corpo como um todo. É possível inferir ainda que Luedji Luna retoma a questão do pertencimento, ponto chave de muitas discussões sobre diáspora negra no mundo.

### “Je suis ici”

Esta é uma frase em francês que significa “estou aqui”. O próprio contraste do francês com o português indica para a variedade de vozes que Luedji se propõe a falar por e sobre. Antes da frase em francês há ainda “Olhares brancos me fitam, há perigo nas esquinas e eu falo mais de três línguas”. Ela evidencia o não-lugar provocado por tais olhares para pessoas negras em diáspora. “Je suis ici” é então uma frase de autoafirmação.

O “estou aqui” vem ainda acompanhado das frases “Ainda que não queiram” e “Ainda que eu não queira mais”. Na primeira (figura 6), aos 3 minutos e 10 segundos, o que está enquadrado em primeiro plano são três homens negros, de pele retinta, rodeado por árvores, provavelmente de uma praça, onde ao fundo há pessoas indo e vindo. Em consonância com a letra, esse momento do clipe simboliza pertencimento, suscitando debates sobre a dificuldade de pertencer a um ambiente, levando em consideração os “olhares brancos” sobre os corpos negros no mundo, assim como os de Luna, e que talvez por isso andem juntos.



**Figura 6: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 3 minutos e 09 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>.**

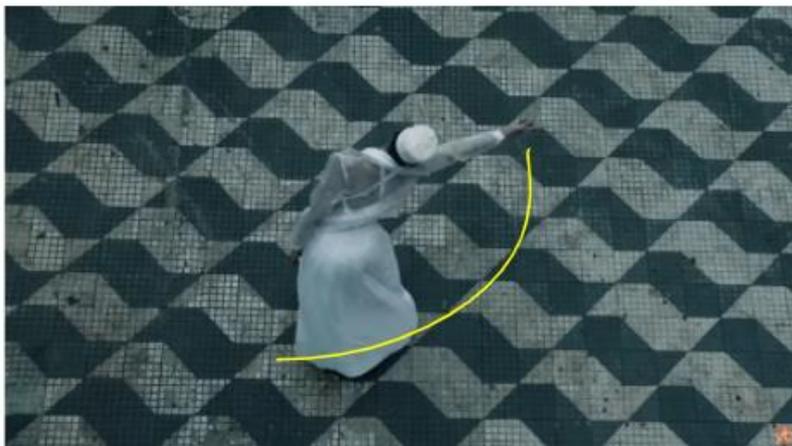
Já o trecho “Ainda que eu não queira mais”, aos 3 minutos e 18 segundos de vídeo (figura 7), os ícones em cena são um corpo negro também retinto, com roupas em tons fortes de vermelho, laranja e preto, focalizado ao centro. As mãos da personagem se sobrepõem uma à outra, num movimento de “tanto faz”. Ao fundo, linhas pretas e brancas no chão, em radial. Este instante indica que se trata de uma

outra pessoa que não Luedji, em trajes típicos africanos. Tudo converge para simbolizar uma autonomia da personagem em cena e do próprio eu lírico. Apesar de indicar que o corpo não quer mais ficar onde está, o contexto referencia-se a uma chegada por vontade, um querer primeiro que existiu.



**Figura 7: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 3 minutos e 18 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Linhas amarelas adicionadas durante edição deste texto.**

Ambas as cenas reforçam o contraste das migrações de ontem e as de hoje e seus processos de pertencimento decorrentes de cada uma delas. Diferente das migrações de pessoas negras nos séculos XVI a XIX, demarcado por intensas rotas de tráfico de pessoas, hoje pessoas negras podem e impulsionam suas migrações, no caso, à cidade de São Paulo. **“E a palavra amor, cadê?”.**



**Figura 8: Print do clipe " Um Corpo no Mundo" aos 5 minutos e 30 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Linha amarela adicionada durante a edição deste texto.**

Aos 5 minutos e 30 segundos do clipe (figura 8), a pergunta cantada é ícone de provocação e inquietação. Na cena, a escala de cinza dá lugar a um contraste bem demarcado do preto e do branco. Luna, de roupas brancas, realiza movimento circular em volta de si. O fundo musical, os instrumentos de sopro e canto prolongados, suscitam reflexão. De tanto repetir a frase e o movimento, Luedji indica para a falta de amor ao seu redor, conversando com o início do clipe e com a metáfora da selva de pedra, mas também indica para o próprio amor que se esconde nos cantos da cidade e se manifesta em seu corpo. Mais uma vez, o símbolo que permeia a cena é o de pertencimento. Dessa vez, nota-se no clipe que o círculo feito pelo corpo de Luna parte primeiro dela mesmo, quando sua mão toca seu peito e então o braço é direcionado para os lados. O pertencimento aqui não é marcado pelo desconforto, mas sim pelo abraço do corpo em sua singularidade.

As cenas finais do clipe se resumem a um movimento de reverência de Luedji à cidade que está. Nesse instante (figura 9), dúvidas sobre o significado de suas roupas brancas desaparecem.



**Figura 9: Print do clipe "Um Corpo no Mundo" aos 5 minutos e 53 segundos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Linha amarela adicionada durante edição deste texto.**

Na cena, o ambiente criado é de solenidade. Os movimentos de Luna com os das outras pessoas se opõem, mais uma vez. Ela se ajoelha e leva a cabeça ao chão, configurando um movimento vertical, enquanto que as outras pessoas passam andando, movimentando-se horizontalmente. A forma como Luedji se apresenta lembra reverências de religiões islâmica, cristãs e brasileiras de matrizes africanas. Pelo tema e as discussões construídas do início ao fim do vídeo, a referência seja melhor estabelecida com a religiosidade de matriz africana, em questão o candomblé. A roupa branca então simboliza respeito e paz, se relaciona ainda ao orixá Oxalá, conhecido como uma das mais velhas entidades, responsável pelos ciclos de começo e fim. Também é usada em momentos solenes, evocando obrigação e consideração às energias que se apresentam. Sendo assim e entendendo que as religiões de matrizes africanas são uma das manifestações culturais mais fortes que ajudam a preservar uma identificação com o continente africano no Brasil, o momento em questão no clipe simboliza essa conexão com a realidade e com as raízes do outro lado do Atlântico.

## CONCLUSÃO

O exercício de tentar aplicar a semiótica de Charles Peirce a produtos de comunicação é um desafio por não ter metodologia de aplicação definida pelo teórico, mas se apresenta como via para entender o pensamento humano e as formas de representação do mundo, através de uma lente ocidental.

Além disso, é uma teoria que consegue dialogar com outras, visto que admite não conseguir abarcar todas as facetas de um fenômeno, mas sim servir para a percepção de características nem sempre à vista de um contato despreocupado com os objetos. Sendo assim, foi enriquecedor acessar os saberes presentes no clipe “Um Corpo no Mundo” em diálogo com os estudos sobre a diáspora negra.

A obra em questão se apresenta em vários níveis de discussão e apreciação: musical, audiovisual e literário são alguns deles. Por isso é um desafio analisa-lo e o intuito aqui não é esgotar as discussões. Este trabalho procurou, com a ajuda de registros da ancestralidade afro-diaspórica e da semiótica, perceber elementos fundantes na compreensão do audiovisual analisado. É preciso pensar sobre as narrativas estabelecidas sobre populações marginalizadas reproduzidas na produção midiática.

“Um corpo no mundo” é a maneira de Luedji Luna e todos os envolvidos na construção do clipe de dizerem que assim como Beatriz Nascimento também são atlânticos. A relação poética aos acontecimentos históricos marcantes do Brasil e de sua contemporaneidade conseguem atingir a proposta de retratar um pouco da saudade e do desejo que motivam todo o projeto do disco de Luna e movem os corpos-documentos de África e sua dispersão.

### **Referências Bibliográficas**

- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.[s.n.], São Paulo, 2005. P. 94 – 124.
- CHARLES Sanders Peirce. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Sanders\\_Peirce](https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce)>. Acesso em: 16 de Agosto de 2017.
- HALL; Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2013.
- KILOMBA, Grada. Who can speak?; [tradução: Anne Caroline Quiangala]. Preta e Nerd & Burning Hell. Disponível em <<http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-gradakilomba.html>> Acesso: 10 de Janeiro de 2020.
- MOREIRA, Larissa Ibúmi. Vozes transcendentais: os novos gêneros na música brasileira. São Paulo: Hoo Editora, 2018.
- PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica; [tradução José Teixeira Coelho Neto]. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007. · UM

CORPO NO MUNDO – CARTASE. Disponível em <[https://www.catarse.me/umcorponomundo\\_luedjiluna](https://www.catarse.me/umcorponomundo_luedjiluna)>. Acesso em: 16 de Agosto de 2020.

XIMENTES, Sérgio. Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa. 2. Ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

YBMUSIC. Luedji Luna - Um Corpo no Mundo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Acesso em: 16 de Agosto de 2020.